

APRESENTAÇÃO

1. Bio/grafia

Lucia Helena é natural do Rio de Janeiro. Doutorou-se em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983), onde lecionou Teoria da Literatura, até 1993, quando se aposentou. Inicia uma nova fase de sua carreira acadêmica em 1994, ao entrar, por concurso público, na Universidade Federal Fluminense (UFF), ocupando, desde então, o cargo de Professora Titular do Instituto de Letras. É Pós-Doutora em Literatura Comparada na Brown University (1989).

A produção intelectual de Lucia Helena é extensa e conta com mais de 50 capítulos de livros, 11 livros de autoria individual, além da organização de 4 livros coletivos, 3 números de revistas especializadas (um número para a revista *Gragoatá*, da UFF, e dois números da revista *Letteratura d' America* (Roma), com Ettore Finazzi Agrò). É Pesquisadora 1-A do CNPq. Seu Grupo de Pesquisa do CNPq, “Nação-Narração”, criado em 1995, por ela liderado até o momento, participa intensamente da vida acadêmica e intelectual brasileira, e conta com uma produção em livro já volumosa, além de atividades permanentes de pesquisa, que culminaram na realização de 10 seminários nacionais, até o presente, além dos 4 livros organizados e já mencionados (vide também bibliografia de Lucia Helena, ao final dessa apresentação).

Desde março de 2011, Lucia Helena vem desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado “Os intelectuais e as cadeias de papel: literatura, ética e mercado”, aprovado pelo CNPq com bolsa de produtividade, e com término previsto para fevereiro de 2017. Tem lecionado, como professora visitante, diversos cursos, no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa.

Por sua intensa atividade intelectual e de magistério superior, recebeu em 2009 o Prêmio UFF de Excelência Científica, concedido pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Universidade Federal Fluminense (PROPPI-UFF).

Lucia Helena é uma das críticas mais respeitadas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Além dos prêmios já citados, seu trabalho tem sido reconhecido ao longo dos anos: recebeu em 1969 o Prêmio Esso de Literatura; em 1985, o prêmio da

<i>Pensares em Revista</i>	São Gonçalo, RJ	n. 1	203-221	jul.-dez. 2012
----------------------------	-----------------	------	---------	----------------

Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA); e o Susan B. Anthony Research Fellow, em 1988, dentre outras distinções.

Mesmo com esse histórico de vida intelectual, é com o magistério que Lucia Helena procura cada vez mais se identificar e definir. É assim que inaugura a entrevista concedida a *Pensares em Revista*, ao ser questionada sobre seu papel como intelectual: “Eu temo muito me chamar de intelectual; mais ainda, de pensadora; e, mais ainda, de crítica. Eu diria que sou, antes de tudo, uma professora, e que eu penso e escrevo porque eu gosto muito de estudar e de aprender”.

Lucia Helena inaugura sua produção escrita com um livro dedicado a Augusto dos Anjos, *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos* (1977), e desde então vem mapeando a história da literatura da brasileira, em seus 11 livros individuais, sem esquecer o diálogo com os autores estrangeiros. Sua entrevista neste primeiro volume da *Pensares*, dedicado ao Pré-Modernismo, vem ao encontro da proposta da revista: ser espaço de confluência de ideias, pesquisas e debates.

2. Bibliografia da autora:

2.1. Livros de autoria individual:

HELENA, Lucia. *Náufragos da esperança: a literatura na época da incerteza*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012. 150p.

_____. *Ficções do desassossego*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010. 196p.

_____. *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector*. 2. ed. revista e ampliada. Niterói, RJ: EdUFF, 2010. 160p. [1. ed. 1997].

_____. *A solidão tropical: o Brasil de Alencar e da modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. 234p.

_____. *Tomás Antonio Gonzaga*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. 139p.

_____. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996 [2ª reimpressão, 2000]. 88p. [2. ed. 1989; 1. ed. 1986].

_____. *A vanguarda europeia*. São Paulo: Scipione, 1993. 64p.

_____. *Escrita e poder*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1985. 206p.

_____. *Totens e tabus da modernidade brasileira: símbolo e alegoria em Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; EdUFF, 1985. 213p .

<i>Pensares em Revista</i>	São Gonçalo, RJ	n. 1	203-221	jul.-dez. 2012
----------------------------	-----------------	------	---------	----------------

_____. *Uma literatura antropofágica*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.

_____. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. 132p. [1. ed. Tempo Brasileiro, 1977].

2.2. Livros organizados (Impressos):

HELENA, Lucia (Org.). *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007. 256p.

_____.; PIETRANI, Anélia (Orgs.). *Literatura e poder*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006. 235p.

_____. *Nação-Invenção: ensaios sobre o nacional em tempos de globalização*. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004. 223p.

2.3. Livro organizado (em CD-ROM):

HELENA, Lucia (Org.). *Literatura, utopia e crise*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense / Instituto de Letras da UFF, 2006.

ENTREVISTA

Lucia HELENA

Universidade Federal Fluminense

l.h@globo.com

Entrevista concedida ao professor Paulo César Oliveira, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, pela professora Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense, Lucia Helena, em seu apartamento, no Leblon, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2012. As questões levadas a Lucia Helena foram propostas pelos professores do Departamento de Letras e pelo entrevistador, em nome da *Pensares em Revista*.

Pensares: *Seu mais recente livro, Náufragos da esperança (2012), mostra que você, cada vez mais, se coloca como uma intelectual disposta a não silenciar. O que você teria a dizer a respeito do papel do intelectual acadêmico e do seu papel na universidade, como pensadora e crítica?*

Lucia Helena: Bem, eu temo muito me chamar de intelectual; mais ainda, de pensadora; e, mais ainda, de crítica. Eu diria que sou, antes de tudo, uma professora, e que eu penso e escrevo porque eu gosto muito de estudar e de aprender. E cada vez, sem querer bancar a filósofa de última hora e do lugar-comum, cada vez mais eu descobro que, quanto mais aprendo, aprendo que menos sei (Sócrates, já disse isso, melhor que eu). Então, o que seria para mim o intelectual? Eu acho que o intelectual é um ator, no sentido de ‘aquele que age’. Porque eu sou, antes de tudo, uma professora. Porque, na verdade, eu escrevo e estudo porque eu gostaria, eu tenho a ilusão, talvez rousseuaneana, de conseguir ser mais clara, isto é, se eu trouxer com mais clareza as ideias para a sala de aula. Depois, descobro, lendo Rousseau, com *ardor de burra*, e *pendor de convertida*, ou seja, de alguém que foi gostando do drama interno daquele pensamento, de um iluminista que deixa o Iluminismo e vai para além dele, chega a ser um pensador dramático, e quase trágico, eu verifico que esse percurso das ideias não é o percurso do esclarecimento, é o percurso também das sombras e, principalmente, das sombras. Então, na verdade, a cada momento, o intelectual, para mim, no bom sentido

<i>Pensares em Revista</i>	São Gonçalo, RJ	n. 1	203-221	jul.-dez. 2012
----------------------------	-----------------	------	---------	----------------

dessa palavra, é aquele que ocupa o lugar trágico do pensamento, ou seja, aquele que está na encruzilhada, com Édipo e Laios, e não mata Laios; e não decifra a esfinge, porque ele não é capaz de imaginar que ele sabe o segredo de que coisa é o homem. Nessa hora, é preciso estar com Drummond, com os poetas: o homem é um sim contra o sim, porque a gente vai num perfil cabralino – e o intelectual também. E o homem é também aquele que pergunta, mas “E agora, José?”, “ficou sem mulher”; Raimundo, vasto mundo, meu nome é uma rima... Mas não é uma solução, quer dizer, o intelectual não vem solucionar, ele vem se tornar perplexo.

Talvez a ideia da origem da filosofia seja a ideia da perplexidade diante do próprio cotidiano. Eu acho que o intelectual é aquele que, talvez, tenha tido um contato, e aprendido alguma coisa, com a ideia de Heráclito, de que o caráter do homem é o seu destino e o destino do homem é o seu caráter (e isso não é um mero jogo de palavras). Ou seja, eu descobro que, desde meu primeiro livro, *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos* (1977), eu tento, se é que isso é ser intelectual, caminhar com as cosmogonias remotas, que são forças narrativas que se transformaram em romances; que se transformaram em não-romances; que se transformaram em um mundo contemporâneo; que se transformam em epopeias, enfim, nesse impulso narrativo que está também na poesia e que é esse ato do homem de contar história para si mesmo e de si mesmo e de tentar ocupar um lugar diante do mundo, ou no mundo. E eu diria que, para ser bem dicotômica, mas não apenas maniqueísta, que o outro tipo de intelectual é aquele que pensa que diz a verdade. E o lugar trágico do intelectual é vivido, por exemplo, por Rodrigo S. M. E eu leio Clarice Lispector: “Sou um homem (e no meu caso, eu diria, sou uma mulher) que tem mais dinheiro dos que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto. Que só minto na hora exata da mentira, mas quando escrevo não minto, ou penso que não minto”. Que mais? Sim, “Não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que eu possa desequilibrá-la e a classe baixa nunca vem a mim”.

Eu diria, sem querer ser uma gramsciana, que a classe baixa também é intelectual, ela só não tem dinheiro, mas ela pensa. E que nós todos, que dizemos que pensamos que pensamos bem, também pensamos mal. Então, o intelectual é aquele que enfrenta o paradoxo, que sabe que o ufanismo pode ser crítico e que sabe que ser crítico pode ser um ufanismo sem nenhuma solução.

Pensares: *Você poderia falar de seu processo recente como pesquisadora, leitora e professora universitária? O que você anda lendo, e o que tem estimulado sua reflexão?*

Lucia Helena: Eu ando lendo e relendo. É interessante porque eu descobro que o meu contato com uma imagem que provocou três livros, a imagem do Robinson Crusoe em uma ilha deserta, começa em 1978, quando eu estava lendo o *Emílio*¹, para entender o que queria dizer o curso de meu orientador, que se intitulava “A literatura contratual”. Aí eu fui parar nos contratos sociais. E depois eu fui até parar no contrato absolutista e ler *Leviatã*², e ler o *Behemoth*³, e acabo descobrindo que aquele, aspas, co-autor do absolutismo, tinha muita razão: todo Estado é um monstro, mesmo aquele estado que a gente imagina que será o Estado de Direito, porque, quando a razão se avoluma, ela acredita demais em si mesma, e é preciso rever sempre o contrato. Então, eu diria que essa imagem do contrato social que está lá em Rousseau, que está lá no *Emílio* etc., tem sido para mim muito importante, cada vez mais a discussão de o porquê demos no que damos; do porquê dessa insuficiência do homem de gerir a vida, a sua vida e do outro, de construir representações sociais que abriguem o direito da maioria, no sentido positivo dessa maioria, de repartir a comida, de repartir o pão, de repartir a roupa, de repartir a renda, de fazer a Reforma Agrária, de, enfim, evidentemente, tendo consciência de que o papel do crítico e da Teoria não é ser um reflexo do real, se perguntar a cada dia: por que penso, por que escrevo, no século XXI, sobre um assunto, ou o que isso importa para minha funcionalidade dentro desse mundo? Porque eu preciso fazer alguma coisa que tenha, ou seja, que me justifique ganhando o pão de cada dia, ganhando uma bolsa, ainda que miserável, ainda que não tenha aumento, mas que é um privilégio em uma sociedade de analfabetos e de desempregados. E em um mundo em que o desemprego se avoluma para os jovens; em uma Europa que está à beira da falência, se é que já não está falida, como os Estados Unidos.

Enfim, há uma desterritorialização da moeda que cada vez mais virou um oráculo e está à deriva. Quer dizer, nós estamos à deriva da moeda e as nossas ideias estão à

¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile ou de l'éducation* (1762). Edição brasileira: ROUSSEAU, J. -J. *Emílio ou da educação*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

² Obra do britânico Thomas Hobbes (1587-1666).

³ Obra de Thomas Hobbes, *Behemoth, or the Long Parliament*, terminada por volta de 1668. Grafa-se também: Bəhēmōth, Behemot, B'hemot.

deriva e o intelectual se marca por uma necessidade, não sei de quanto tempo, de silêncio, para poder ver, se entender e não naufragar. Talvez o intelectual hoje seja um homem em viagem no naufrágio. Ele tenta navegar no naufrágio. Então, cada vez mais eu penso no naufrágio. Mas eu penso no *naufrágio da esperança*, no sentido de que é preciso esperar para encontrar o inesperado, quer dizer, essa ideia tão esperada não vem se você não se pôr um pouco à deriva para que ela te encontre. É uma marca muito grande de ir e vir e de estar disponível para encontrar. Não dá para ser escrava da Trácia, que diz que Zenon de Eléia leva um tombo, porque ele tinha a cabeça lá no céu, pensando nas nuvens, que o filósofo é aquele que não encontra a realidade. Eu acho que o intelectual é aquele que toma a realidade como ponto de partida para pensar. Para perguntar, pensar, o que o leva a uma abstração às vezes absoluta, mas que traz ele de volta à terra. É preciso que ele não seja alguém que se contente em ficar no ricochete das ideias sobre si mesmas, esquecendo da terra dos homens, onde a historicidade se encontra.

Então, eu leio e releio o século XVIII e seus mistérios, somente os mistérios, aquilo que o século XVIII se ilude de que esclarece. Eu diria que é um século muito importante, que produziu, trouxe à baila questões fundamentais, para ocidente-orientes. E leio também os jovens e atualmente me encanto – e tenho traído outros encantos meus – me encanto ainda com Alencar, me encanto ainda com Clarice Lispector e me encanto com Michel Laub. Tenho um encontro marcado com Michel Laub, para um próximo livro. Ele que me aguarde e eu aguardo também.

E, claro, eu estou com um projeto sobre os contemporâneos, digamos, os do século XX e XXI, e que ainda não pude ler e meditar suficientemente, sobre eles, mas eu estou com esse projeto novo, aprovado pelo CNPq, para os próximos cinco anos, “Os intelectuais e as cadeias de papel: literatura, ética e mercado no momento atual”.

Pensares: *Vendo, hoje, o percurso de sua produção intelectual, desde A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos, o que se mantém e o que se modifica em sua obra?*

Lucia Helena: Eu costumo dizer para os meus alunos que vão fazer mestrado ou doutorado, mestrado, principalmente, porque ainda há aquela dúvida sobre o que eu vou fazer de projeto, o que eu vou estudar, que o trajeto do pensamento começa com

<i>Pensares em Revista</i>	São Gonçalo, RJ	n. 1	203-221	jul.-dez. 2012
----------------------------	-----------------	------	---------	----------------

as nossas necessidades básicas. A gente precisa comer, respirar, ir ao banheiro. Ele (o pensamento) é quase escatológico também, ou seja, é preciso gostar de alguma coisa. É quase que biográfico, ele passa pelo corpo. Então, é preciso que você se encontre com autores com os quais você tenha uma afinidade que você descobre. Ela é uma afinidade que põe você na sintonia de uma constelação. Eu me mantenho bastante fiel, por exemplo, a essa viagem ao século XVIII que comecei a empreender em 1978, e que gera, por exemplo, uma discussão que está mais explicitada para mim mesma em um livro que saiu em 2006, mas que já estava pronto em 2004 (levou dois anos para ser editado). Eu comecei a pensar nele quando eu voltava para o Brasil, do meu Pós-doutorado, e não entendia Collor, Era Collor, e que é *A solidão tropical*: a modernidade do Brasil e de Alencar, e que continua em *Ficções do desassossego* e continua em *Náufragos da esperança*. Então, eu tenho sempre vivido uma trajetória tensa entre a ida ao passado no presente. Eu releio cada vez mais os Pré-socráticos e eu releio esses Pré-socráticos em discussão com o século XVIII, o século XVIII contra e a favor de si mesmo e o século XVIII como desdobramento de questões que estão lá em Pascal, no século XVII, em Michel de Montaigne, essa ideia do erro, do ensaio, da errância – mas eu não sou mais uma heideggeriana –, eu já até fui. Hoje, Heidegger é para mim um espaço de angústia improdutiva. Eu preciso de alguém que não naufrague no abismo e eu acho que houve um impasse para ele, mas, se Hanna Arendt o perdoou, quem sou eu para ficar politizando essa única questão na obra do Heidegger. Mas ele não atende mais as minhas procuras, embora ele estivesse comigo em *A cosmo-agonia*, mas ele não está mais comigo em outros livros que eu escrevi. E eu tenho sempre uma trajetória que é presente eu volto sempre a um observatório clariceano, porque eu acho que encontro nela esse drama trágico do século V, e encontro também o drama no fuso do barroco. Ela tem uma estrutura de construção que é uma Fênix que sempre renasce e quase se repete, de viés quase deleuziano.

Atraem-me esses pensadores e esses autores que são rizomáticos, o Augusto dos Anjos, por exemplo, que transita entre um vocabulário haeckeliano⁴ (não é nem hegeliano), das moneras, mas que fala do cosmopolitismo das moneras, das reentrâncias, das formas vermiculares, prodrômica, quer dizer, que produz o *nonsense* do paradoxo, mais importante, e que trabalha na zona da aporia como a poesia pode

⁴ “Haeckeliano”: aquele que comunga das ideias do naturalista alemão Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (1834-1919).

trabalhar. E como a literatura toda, a narrativa também. O que é Kafka, afinal, se não uma grande aporia? O que é *A metamorfose*? É preciso descartar a verossimilhança, não é? Quando cobram de Graciliano Ramos, ai meu Deus!, não é verossímil que Paulo Honório escrevesse aquele livro, o que importa se há verossimilhança? O pio da coruja escreveu aquele livro, a vivência da relação com o imaginário, a descoberta, que é uma descoberta tão freudiana, tão atrás, mas a cada momento o fenômeno antecipa o conceito e esse fenômeno acontece porque eu acho que é preciso sermos *bio-gráficos* (conforme a entrevistada), escrever com o corpo e escrever no corpo da linguagem. A linguagem, por mais abstrata que seja, é um corpo abstrato que se move nessa errância. Que para... E depois volta a errar. Eu acho que é isso. Estou sempre lá e cá. Eu sou muito inquieta. Meu pensamento não me deixa em paz.

Pensares: *Qual o futuro da pesquisa, da crítica, da atividade literária, também pensando a partir do ponto de vista da universidade e da situação atual de nossos cursos de Letras?*

Lucia Helena: Eu acho que, com a democratização do saber e com a banalização do pseudo-saber pela indústria cultural – eu vou usar um termo que está fora de moda, e é intencional – nós temos uma mudança muito grande. Eu me lembro de meu avô, alfaiate, e o término da alfaiataria, com as Casas Tavares e o cachorrinho que fazia aquela propaganda dessa casa. A universidade como tal, talvez tenha, eu não digo os dias contados, mas as vértebras cortadas. Ela tem que se renovar, tem que estar mais viva. É preciso que o intelectual, o acadêmico, se desburocratize, mas isso não quer dizer que ele vá estudar os quadrinhos e aí se desburocratizou; não quer dizer que, porque ele vai fazer o *blog* que ele não vá ser o *blogueiro* burocrático. Quer dizer, nós não somos apenas perceptuais. Quando eu falo em corpo, eu não falo em uma epiderme. Eu falo na epiderme cheia de sarampos que Augusto dos Anjos coloca em um de seus poemas, os astros no céu parecem uma epiderme cheia de sarampos⁵. Eu falo das caixas,

⁵ A estrofe, em questão, citada de memória por Lucia Helena, refere-se ao poema “Os doentes” (ANJO, Augusto dos. *Eu e outros poemas*), que reproduzimos:

*Meu ser estacionava, olhando os campos
Circunjazentes. No alto, os astros miúdos
Reduziam os Céus sérios e rudos*

<i>Pensares em Revista</i>	São Gonçalo, RJ	n. 1	203-221	jul.-dez. 2012
----------------------------	-----------------	------	---------	----------------

caixões e cartilagens ósseas, daquele que, para descobrir, para desvirginar o velho metafísico mistério, diz: “comi meus olhos crus”, como uma “antropofagia de faminto”⁶. Quer dizer, a universidade precisa fazer a boa antropofagia. Ela precisa comer-se. Deglutir o intelectual de penacho, o intelectual que é sempre um cauteloso pouco a pouco, e que não tem coragem de pegar o chão da terra, da terra das ideias, de escavar, de escavar o chão.

Há uma epígrafe no meu livro *A solidão tropical* em que eu remeto os leitores a um texto de Walter Benjamin que diz que talvez o melhor a se fazer e pensar seja escavar a terra. E eu não estou falando do programa cubano, de passar seis meses plantando e seis meses estudando, não é isso, não é essa a dicotomia. Eu acho que tem gente que não sabe plantar mesmo, e tem gente que tem o dedo vesgo, e tem gente que está condenada a fazer a lavoura e não fazer a lavoura arcaica⁷. E há outros que adoram o que fazem.

Hoje eu vi um programa em que um fazedor de oito quilos de queijo por dia, em uma fazendola que produz um queijo fantástico, comercializado em São Paulo, dizia: “Eu adoro o que eu faço”. Pode ser até que ele produza quatrocentos quilos de queijo por dia e nem saiba o queijo que produz, porque ele está sentado no escritório, comandando apenas a circulação do dinheiro. Só que o dinheiro dele se fabrica por sobre o leite da pobre da vaca morta. E também pode ser um criador que produz ovos a granel, deixando as galinhas tomando hormônio. Mas ele pode usar uma galinha de quintal. Mas infelizmente é sempre preciso cortar o pescoço da galinha. Mas como a gente pensa, por exemplo, também, que, porque alguém viu a avó matando uma galinha no quintal, consegue mudar, por sua luta política e intelectual o destino dos prisioneiros que iriam ser decapitados na França anterior à sua luta, ele muda a pena capital⁸. Então,

A uma epiderme cheia de sarampos.

⁶ A estrofe de Augusto dos Anjos a que Helena se refere é a seguinte:

*Para desvirginar o labirinto
Do velho e metafísico Mistério,
Comi meus olhos crus no cemitério,
Numa antropofagia de faminto!*

⁷ Referência ao romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar (1935 –), publicado em 1975.

⁸ A minha referência é a Albert Camus, o filósofo francês do Existencialismo. J. M. Coetzee, numa referência cruzada, de que tive notícia e a qual me refiro em um artigo, diz que Camus, morando ainda na Argélia, onde nasceu, vê sua avó matar uma galinha. Aquela cena foi para ele, criança, de uma tal violência que, anos mais tarde, luta pela abolição da pena de morte na França, uma pena que operava pela

<i>Pensares em Revista</i>	São Gonçalo, RJ	n. 1	203-221	jul.-dez. 2012
----------------------------	-----------------	------	---------	----------------

olha o valor de uma galinha no quintal. E o valor de um pescoço de galinha cortado. Então, eu acho que o trabalho intelectual, aquilo que se faz no aqui e agora tem uma dimensão tão futura e tão passada, mas que só se realiza no agora.

Quer dizer, eu não sei o futuro da universidade. É preciso que ela *aja sendo*, para ela ter futuro. Agora, ela está inserida em um processo que é um processo teleológico-capitalista, e esse processo sabe qual é o seu futuro. E é um processo de razão instrumental. Então é preciso que a universidade desinstrumentalize a razão. E procure abrir-se para a razão trágica, ou para a razão em perpétua tensão com a pseudoverdade do progresso. Eu acho que a universidade, se não conseguir isso, está com as décadas contadas.

Mas eu sou a pessoa do naufrágio da esperança. Eu acho que é preciso naufragar para vir à tona. Mas ninguém está a tona porque não foi pro fundo. É preciso chegar a uma agonia, é preciso passar pela zona nublada, para ver a luz. Então, eu acredito que sou uma pessoa esperançosa. Eu acho que o mundo é muito melhor do que já foi. Eu acho que o Brasil, ainda que pratique crimes contra o trabalhador, já não tem mais declaradamente o direito de considerar o escravo uma mercadoria. Eu acho que nós construímos um país melhor e podemos continuar assim. É preciso que nós sejamos mais limpos, menos corruptos, que nós nos ponhamos em questionamento, e tenhamos a coragem de deixar claro o que consideramos abjeto, sem que com isso pensemos que somos os donos da verdade. Por exemplo, o “mensalão”. É abjeto. Qualquer poder que queira permanecer para sempre e ache que os meios justificam os fins é um poder abjeto. Mesmo que ele fale em nome do povo e da democracia.

Então eu acho que é preciso que a universidade seja cada vez mais contingente, consistente e existente. E que ela dê aulas, que ela receba alunos, que ela discuta, que ela debata. E que ela trabalhe, porque é no trabalho de agora que está a possibilidade dela prosseguir. E que ela escreva menos bobagens, que tenha menos pressa, e que estude mais, pense mais e dialogue sempre. Que não elimine seus pares pelas suas qualidades e que não despreze quem ela não admira. É um direito que todo mundo tem, mas compreendendo que ninguém é perfeito. Agora, eu acho que a universidade

decapitação. Corre a lenda que o episódio da avó matando a galinha teria a ver com esse ato de luta política do escritor. Eu me refiro a isto em um artigo, “A literatura tem poder?” (HELENA, L.; PIETRANI, A. (Org.) *Literatura e poder*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006, pp. 9-15), segundo volume da trilogia que publiquei sobre os seminários organizados a partir da série de eventos do Grupo de Pesquisa CNPq, “Nação-Invenção”. (Nota da entrevistada).

<i>Pensares em Revista</i>	São Gonçalo, RJ	n. 1	203-221	jul.-dez. 2012
----------------------------	-----------------	------	---------	----------------

trabalha muito por carreirismo, que a universidade marginaliza bons produtores, pessoas sérias, por invejas, por questões comezinhas. Aliás, isso é a lei do mundo. E a universidade está no mundo.

Acho que a universidade tem que trabalhar até com a verdade da diversidade porque nunca se cantou tanto a homenagem ao outro e nunca se foi tão indiferente à alteridade. A universidade não tem suportado a alteridade nas suas provisórias verdades. E não é porque a verdade não exista. Ninguém está “meio” grávido. Quem já morreu, já morreu, não está “meio” morto. Meio morto é antes da morte. A morte, pelo menos nesta vida (talvez existam outras), a morte nesta vida é definitiva. Eu não sei de ninguém, dos meus queridos, que tenha voltado da morte e se reapresentado nesta vida para mim. Eu acho que a universidade tem futuro. Não sei como ela será no futuro, mas ela tem futuro, o homem tem futuro porque ele tem presente e em cada futuro serão novos homens. Ou homens velhos, e eu já me enquadro na terceira idade, que se procurem renovar e renovar pode ser bom.

Pensares: *Lucia Helena, este número 1 da Pensares em Revista, que te homenageia, e para o qual você colabora, trata de questões muito abrangentes, questões que você também pensa, pensou e vem pensando há muito tempo. A pedido de nossos professores-colaboradores, eu trago a você algumas perguntas. A primeira: se for verdade que a compreensão do chamado período pré-modernista, que aparece nos manuais de literatura brasileira, é uma construção pós-1922, interessada em promover a legitimidade de alguns escritores e negar a de outros, a que atribui o sucesso da refundação modernista, que você tão bem estudou?*

Lucia Helena: Eu não sei se entendi a pergunta. Eu acho a pergunta interessante, mas ao mesmo tempo, para mim, um pouco confusa, talvez pela terminologia de onde a pessoa que fez a pergunta parta e que me parece ser uma pessoa que trabalha o Pré-modernismo.

Eu tenho muita implicância com os nomes pré e pós. E acho que um tempo é sempre antes, durante e o seu depois. Quer dizer, o tempo é também uma virtualidade. Se a gente vai por aquela ideia de sincronia, do Ferdinand de Saussure, por exemplo, quando a gente parte o bolo, quer dizer, as camadas, a gente vê que as camadas são

diversas. Então, por exemplo, eu converso com você, hoje, 15 de setembro, e se estou lá no Igarapé do Amazonas, em uma tribo indígena que não tenha sido tocada, por exemplo, eu caio lá de paraquedas, se eu tivesse esse poder, de me desmaterializar, (vamos imaginar, como ficção científica, me desmaterializo e vou para lá e chego lá e me materializo). Sou o primeiro ser ocidentalizado que eles vão conhecer, e eles pensam: já vão levar todas as minhas filhas, vão matar a tribo, não? Eles estão em que período, em que tempo? No mesmo dia, 15 de setembro de 2012 (dia dessa entrevista). Quando um americano pensa no dia 11 de setembro de 2012, é muito difícil que ele não se desloque para 11 de setembro de 2001, September 11th, 2001. Ele vai logo dizer isso, porque a paranoia é presente.

Então, agora, o agora, esse tempo que a Clarice Lispector persegue, a *agoricidade*, eu acho que é o único tempo que o homem tem. É como se fosse, se a gente quer usar uma palavra grega, nós estamos sempre como as tragédias clássicas, desempenhando os nossos atos na *ágora*, na praça, no agora. E é no agora que acontece tudo. Então, eu diria o seguinte: eu vejo com simpatia, por exemplo, quem eu estudei e estudo, dos modernistas, mas eu acho que a pessoa também precisa estudar contra os modernistas. Porque com o tempo o escritor se nomeia modernista, aí depois você vê, ‘mas eu era um passadista’. Em 1942, Mário de Andrade vê que eles eram rançosos, que eles nem sabiam direito o que eles eram e ele escreve aquela conferência quase melancólica. Oswald de Andrade, quando faz o prefácio do *Serafim* e fala do Machado penumbra também lamenta ter sido um burguês que criticou a burguesia, mas que foi burguês sem crer na burguesia. Então, pensamos que somos modernos e, “já cansei de ser moderno”, vai dizer o Drummond. É preciso pensar na agudeza da *agoricidade* dos tempos. Eu diria que, quem sabe esses pré-modernos não foram os primeiros modernos? Augusto dos Anjos é pré? Quando eu leio isso, que pré está entre não sei o quê, que é uma colocação sempre tão vaga, eu acho que ninguém é pré.

Cada homem se julga artista é porque está inteiramente mergulhado em seu tempo e por isso ele escapa do seu tempo, porque só quem está inteiramente pode deixar de ser, pode não ser. O homem é e não é. Eu acredito que aquele Augusto, por exemplo, para falar de um dito pré-moderno, sobre quem eu escrevo um livro tentando mostrar que ele é muito moderno, naquele “tome doutor essa tesoura e corte a minha

singularíssima pessoa”; ou, por exemplo, naquele touro Ápis do Egito.⁹ Muito antes dos dadaístas, ele usava a tesoura, por exemplo. Muito antes dos futuristas, ele corta e cria imaginação sem fios: “Na cidade dos lázaros, somente minha cabeça autônoma pensava”. Meu Deus, que atualidade, que antropofagia de faminto, antes dos convencionados antropófagos oswaldianos. Então eu acho que muitas vezes nós nos nomeamos alguma coisa por ignorância e por uma certa vaidade fundadora, de que precisamos, e sobre isso o Harold Bloom diz uma coisa muito interessante, quer dizer, a ansiedade da influência, é preciso matar o pai. Nós somos uma sociedade que mata o *totem*, que constrói o *totem*, não é mesmo? Não é à toa que Freud chama de *totem* e tabus. Foi uma leitura – e, honrando o Frazer¹⁰ – dos modernistas, porque falam exatamente dessa inauguração, o marco zero. Mas olha, quando eu chego a estudar os românticos alemães, eles que são chamados de primeiro romantismo alemão, eles também têm, lá, um texto sobre o marco zero da mensagem que eles trazem. Cada momento se acha profeta de um novo tempo ou do seu próprio tempo, quando a profecia, o profeta, relampeja no seu tempo. Então, eu responderia isso. Um tempo não tem tempo, só tem agora, e todos os tempos são o ‘agora’ de todos os tempos. Então os “prés” talvez não sejam nunca pré. E se eles estão sendo, quando foram, e se estão sendo agora, eles não são pré. É isso o que eu penso.

Pensares: *Uma pergunta correlata seria a respeito de sua visão sobre o modo como a tradição crítica celebra, por exemplo, a prosa, entre aspas, barroca, de Euclides da Cunha e, ao mesmo tempo repudia a prosa, novamente, entre aspas, a prosa barroca de Coelho Neto, que era da mesma geração de Euclides. Que processos críticos seriam esses?*

Lucia Helena: Eu acho que, por debaixo da prosa ‘barroca’, de um e de outro, se é que são barrocos, existe uma causa, não é? Ainda que eu não ache que a literatura é, ou a crítica deva ser – e ela não é – o reflexo do real, acho que Euclides é um trágico, e daí

⁹ O mais venerado dos cultos antigos no Egito, o touro Ápis era representado sempre na forma animal, diferentemente das outras divindades. Encarnava, simultaneamente, as divindades Osíris e Ptah e seu culto remonta ao século I das dinastias egípcias, simbolizando, as forças vitais da natureza, com sua potência geradora.

¹⁰ Sir James George Frazer (1854-1941), antropólogo e psicanalista escocês. Sua obra mais importante foi *The golden bough: a study in comparative religion*, publicada em 1890, tendo ainda escrito e publicado uma reflexão sobre o totemismo, na obra *Totemism and exogamy*, publicada em 1910.

vem a sua força, enquanto que não me parece que o seja Coelho Neto. Não tenho uma exegese sobre Coelho Neto. Talvez até porque eu tenha um preconceito contra os parnasianos, não tenha um estudo suficiente de Coelho Neto e, provavelmente, o preconceito não me deixará nunca ter. O meu tempo já se faz cada vez mais curto, eu estou ficando 'coroa'. Eu agora tenho tempo de ler menos, o que eu já tive, quando tinha trinta anos, e seria interessante pegar essa pergunta tão desafiadora, tão inteligente, tão interessante, e ir ler tudo o que o Coelho Neto escreveu, ao invés de achar que ele é um chato (e eu não acho que ele seja um chato, não). Agora, eu acho que o Coelho Neto não me interessa. Porque me interessam os trágicos.

Eu acho que Euclides da Cunha é fantástico porque ele é um homem com uma formação militar, positivista, e consegue perceber que o Brasil não conhece o Brasil e que a República era muito pior do que Antônio Conselheiro. E que uma intriga de bairro, uma intriga de deputado, mostra o quão frágil eram as bases de uma República militarista que manda quinze mil homens matarem pessoas. Como se sabe, havia três pessoas no final. Quer dizer, isso é um crime, isso não é absolutamente um serviço militar. Isso é um crime, isso é uma covardia. E no momento em que Euclides volta, ele que estava lá pago para fazer a reportagem, e faz um livro que começa assim, absolutamente dentro da ciência de sua época, e ele estava inteiramente mergulhado na sua época, mas como só um homem inteiramente mergulhado na sua época dela sai, ele sai. Ele sai e ele fica barroco, ele fica moderno, ele fica contemporâneo e ele fica trágico. Eu me refiro aos trágicos dos tragediógrafos do século V, antes de Cristo. E talvez ele seja um pré-moderno porque ele é um pré-socrático (e puseram-lhe um pré).

Ou seja, ele pensa que o homem é o seu caráter, o caráter do homem é o seu destino e o destino do homem é o seu caráter. Então, há, na verdade, essa busca de discutir entre *pólemos*, onde a arte se gere, onde a vida se gera, porque é a vida contra a morte. Quando um esperma não fecunda o óvulo, a morte ganha da vida, mas quando a molécula diz sim a outra molécula, que é *A hora da estrela* começando, quando a cosmogonia se torna narrativa de todos os homens, porque ela começa na narrativa da molécula, eu vou dizer que a Clarice é uma ceticista? Não. A narrativa de Augusto dos Anjos é cosmogônica, a narrativa de Euclides da Cunha também. Ele tem a sabedoria das cosmogonias, ou, ele tem o anseio das cosmogonias. Ele tem um anseio explicativo, que pode levá-lo a um didatismo, mas que pode levá-lo ao que o levou. Ele é um grande

pensador, é um grande e sensível criador, que revela para o leitor brasileiro aquilo que a nossa Primeira República não foi capaz de ler. E que talvez nem a Segunda, a Terceira, a Quarta, a Última. Só as pessoas voltadas a essa coisa de ‘estar em naufrágio’ – e talvez seja bom elas estarem em naufrágio em uma sociedade do mercado, que propõe que o grande oráculo é o mercado à deriva, e então é melhor estar à deriva dessa sociedade do que cúmplice dela –, como Euclides da Cunha, mostram quão à deriva estava uma República que não sabia nada.

Pensares: *Haveria algum autor não-canônico da literatura brasileira pré-modernista que você destacaria?*

Lucia Helena: Eu acho que acabei de destacar um que dizem que é pré-modernista, o Euclides da Cunha. Eu acho que é um autor que persigo desde os meus tempos da UERJ. Eu nunca escrevi uma linha sobre Euclides, mas eu já dei duas disciplinas optativas na UFF sobre Euclides. Não me coloco nunca em um congresso sobre Euclides – já recebi até convites – porque eu não posso me dizer uma euclidiana, porque eu não li, sabe? Eu sou muito rigorosa. Enquanto eu não ler, e reler, todo o Euclides, ou o que se tem publicado dele e tudo o que se escreveu sobre ele do que eu considere o melhor, de uma seleção feita com rigor, eu não vou dizer que sou euclidiana, porque eu não sou. Do que não se pode falar, deve-se calar. O que não quer dizer que eu não pense sobre ele, que eu não possa dar um curso sobre ele, dizendo esse meu incipiente pensamento em que ele circula nas minhas obsessões. Então, eu encontro nas minhas obsessões – e eu acho que eu sou barroca; eu acho que eu sou trágica; eu acho que eu sou uma pessoa do século V, antes de Cristo; eu acho que eu sou uma pessoa do século XVIII, depois de Cristo, do século XVII, depois de Cristo e eu acho que sou uma pessoa do século XX, depois de Cristo. Eu acho que eu sou uma pessoa, que sou uma pereba, que sou uma molécula, que não tenho tempo, que não tenho objetivamente, até, tempo de fazer o que preciso, que é ler cada dia mais, porque também tenho que cuidar da vida, cuidar das doenças, cuidar das minhas próprias mazelas e daqueles com os quais eu me comprometi amorosamente, inclusive comigo, que mereço um certo cuidado também, porque senão eu vou... Eu naufrago.

Pensares: *Você considera Euclides da Cunha, ainda hoje, um autor não-canônico, ou ele já está lá.*

Lucia Helena: Eu acho que ser canônico não é bom. Tomara que ele não seja canônico. O cânone precisa ser sempre abalado. Não porque eu quero botar novos autores no cânone, mas porque preciso discutir a questão de canonizar. Eu não sou a favor de canonizar ninguém. Eu acho que essa sacralização é problemática e até, ainda, sou uma modernista, eu acredito na dessacralização. Apesar de que, acho, que sou uma pessoa que tem um princípio de religiosidade, mas eu não tenho religião.

Pensares: *Uma última questão. Como pesquisadora que já publicou sobre Augusto dos Anjos, que fez um trabalho importante sobre o autor, que avanços têm sido feitos nos estudos desse poeta?*

Helena: Ferreira Gullar tem um texto magistral sobre Augusto dos Anjos e é um texto de 1977, se não me engano. Eu não acredito na palavra avanço, ela é muito “razão instrumental”, quer dizer, sempre, então, o autor estava em um estágio zero de análise e aí aparece um sábio que ultrapassa todas as bobagens que já foram ditas sobre ele. Bom, é difícil não fazer estudos sobre o perfil nosográfico de Augusto dos Anjos quando se fazia estudos de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Bahia, naquele momento histórico. Isso não quer dizer que aquilo vá ser ultrapassado. Quer dizer que, dentro de um conceito científico que ainda vige, é preciso que alguém leve adiante de onde eu parei. Por que se a gente vai parar, ninguém nasce mais. Se ninguém mais transar, não nasce ninguém na face da terra. Então é preciso que transemos as ideias e com as ideias. Que copulemos muito. Aliás, a *Teogonia*, de Hesíodo, fala disso: o Céu copulava com a Terra; ciumento, dentro dela guardava seus filhos. E houve o primeiro parricídio inaugural. Cronos, desagradado de estar lá escondido, quando o pai vem dormir com a Terra, pega o ferro (uma foice de aço) e corta os testículos do pai. Do sangue derramado nas águas do mar, nasce Vênus Afrodite e o princípio do amor. Bem, do sangue dos testículos caído na Terra, nascem as Erínias, as potestades. Bom, Freud fez um grande proveito dessa Teogonia. Então, eu acho que esses impulsos tão profundos nos habitam. Hesíodo é um grande freudiano. E quem sabe um pós-freudiano. Quem sabe um

derridiano. Eu não sei. Essas categorias – pré, pós – realmente não me interessam. Eu acho que elas são pseudoquestões. Um autor é criador de seu agora. Aliás, cada homem só pode criar o seu agora, porque se nós estacionamos no passado, nós não estamos. E se nós queremos viver pensando no futuro, nós também não estamos, porque quem descobre o futuro não estava pensando no futuro. Estava, agora, trabalhando.

Pensares: *Lucia Helena, nós gostaríamos, imensamente, de te agradecer por essa oportunidade, de ouvi-la, de falar de sua obra, de apresentar sua produção recente, saber um pouco de seus planos e deixaremos a você as palavras finais.*

Lucia Helena: Eu queria dizer palavras iniciais. Em primeiro lugar, quero dizer que eu agradeço de coração, bem lacrimosamente, porque eu acho que qualquer pessoa pode lacrimejar piegas. Eu sou de origem grega e italiana, portanto, a tragédia encosta no melodrama – e eu adoro os trágicos e os melodramáticos (não, o melodramático me incomoda um pouco, mas...). Eu gosto muito, sabe, do afeto, então eu agradeço, e eu tomo essa homenagem, que talvez eu nem mereça, porque tem gente muito melhor do que eu para ser homenageada, e eu tomo isso como um gesto de amor, e eu preciso amar e ser amada, então eu agradeço muito esse gesto amoroso que está nessa entrevista. E eu fico, assim, muito menos carente de afeto, dizendo que vocês da *Revista Pensares* me prestam um grande favor, me dão a oportunidade de ser tão feliz. Eu que conjugo a tragédia, o ceticismo e a esperança num ser, eu me considero uma aporia andando no meio da rua, porque isso tudo é tão paradoxal que ultrapassa o paradoxo e chega a ser um oxímoro, não? Eu acho que eu sou um oxímoro ambulante.

Então, quando vocês me dão esse beijo, esse carinho, eu não fico vaidosa, não. Eu fico, assim, me sentindo abraçada, como se fosse um gatinho lambendo a pata, ou como um cachorrinho que está abanando o rabo para o dono.

Eu acho que, se eu fui bicho, eu acho que fui uma formiga, porque eu sou muito trabalhadora. Mas agora eu estou me sentindo assim um bichinho feliz, que não está trabalhando nada, que está se sentindo amada e gostando dessa sensação.

Muito obrigada, eu humildemente agradeço, e estou doida para ler a revista de vocês e cada vez mais querendo saber do trabalho de vocês, que eu sei que é excelente. Parabéns a todos os que estão aí, neste grupo de gente bem mais jovem do que eu, e que

é quem está tocando essa dimensão que só possivelmente toco, não agora, provisoriamente, que é o futuro. Eu não estarei no futuro, com vocês, isso eu sei. Mas talvez em seus trabalhos, se vocês me lerem. Mas eu mesmo, corpo físico, essa pessoa, eu já estarei morta, nesse futuro em que vocês estarão, bem mais adiante de mim, levando minhas criações, de que são capazes. Então, já serei uma figura da história, do passado, já estarei debaixo da terra. Mas eu agradeço muito estar com vocês, nessa festa.

Eu lembro de uma frase, de uma etimologia do Martin Heidegger, quando ele chamava o falar de Conradin Kreutzer, que foi um músico de sua terra. E ele usa uma expressão, dizendo que comemorar, comemoração, essa homenagem, é *Gedenkfeier*, que em alemão é a renovada festa do pensar. Então, eu agradeço que vocês tenham me dado a chance de, junto com vocês, renovar o meu pensamento, que é encontrar comigo de novo porque me encontro com vocês. E é só, na verdade, quando os outros nos encontram, que nós podemos nos encontrar. Nós nunca nos encontramos, nós somos sempre encontrados. E é difícil nesse mundo em que as pessoas não querem se encontrar, que alguém nos encontre.

Muito obrigada por esse encontro, que para mim é uma festa, assim com bolinha de sabão, com doce, com brigadeiro. É uma alegria.